

A CRÍTICA DA REIFICAÇÃO DO PENSAMENTO EM MAX STIRNER: DA RAZÃO AO SER-PRÓPRIO

Hilton Leal da Cruz
Universidade Federal da Bahia
ahasverus9@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo propõe-se a oferecer uma descrição do desenvolvimento da crítica de Max Stirner (1806-1856) ao fenômeno da *Reificação do Pensamento* e de como as exigências dessa crítica conduzem a noção de *Ser-Próprio* (Eigenheit). Ao desenvolver a crítica de Stirner a essa “mania”, aponto a sua função dentro do jovem hegelianismo, e a estratégia “retórica” que Stirner adota para denunciá-la. Essa estratégia, por sua vez, tem por finalidade evitar que Stirner incida no vício que condena lhe permitindo contornar a acusação de “auto-contradição”. Tal feito retórico do discurso stirneriano tem na expressão *Ser-Próprio* um de seus principais elementos. Uma expressão que, conforme iremos expor, denota a auto-referência de toda ação e produção humana. Para Stirner o *Ser-Próprio* é o fator de individuação, auto-afirmação e fruição, princípio e fim de toda ação e não obstante o próprio indivíduo “de carne e osso”.

ABSTRACT: This paper aims to provide a description of the development of the critique of Max Stirner (1806-1856) about the phenomenon of Reification of Thought and how the

requirements of this critique leads to the notion of Being-Owned (Eigenheit). In developing a critique of Stirner about this “mania”, I point out its role within the Young Hegelianism and the “rhetoric” strategy that Stirner uses to denounce it. This strategy, in turn, aims to avoid that Stirner falls on the vice that he condemns, him to evade the charge of being “self-contradictory.” This rhetorical shape of the Stirnerian discourse, has in the expression “oneself” one of its key elements. An expression that, as we shall explain, denotes the self-reference of all human action and production. For Stirner the “self’s own” is a factor of individuation, self-affirmation and fruition, the beginning and end of all action, the person himself “in flesh and blood”.

O presente artigo propõe-se a oferecer uma descrição do desenvolvimento da crítica de Max Stirner (1806-1856) ao fenômeno da *Reificação do Pensamento* e de como as exigências dessa crítica conduzem a noção de *Ser-Próprio* (*Eigenheit*). Ao empregar a expressão *Reificação do Pensamento*, ou da linguagem, procuro fazer de tal expressão o mesmo uso que filósofos como Richard Rorty fizeram. Para esses autores tal expressão denota a recusa em tratar de forma naturalizada as produções simbólicas elaboradas visando à interação social e a relação com o meio ambiente. Essa recusa por sua vez levaria os seres humanos a tratar determinadas palavras e pensamentos como “essências”, produções que não participam de relações de causalidade com outras coisas. Nesse caso as palavras não seriam meras ferramentas desenvolvidas para atender certos propósitos pessoais e idiossincráticos, mas antes, entidades que nos dariam acesso a “essência do mundo”. Ao desenvolver a crítica de Stirner a essa “mania” aponto a sua função dentro do jovem hegelianismo, e a estratégia “retórica” que Stirner adota para denunciá-la. Essa estratégia, por sua vez, tem por finalidade evitar que Stirner incida no vício que condena lhe permitindo contornar a acusação de ser “auto contraditório”. O feitiço retórico do discurso stirneriano tem na expressão *Ser-Próprio* um de seus principais elementos. Uma expressão que, conforme iremos expor, denota a auto referência de toda ação e produção humana. Para Stirner o *Ser-Próprio* é o fator de individuação, auto afirmação e fruição, princípio e fim de toda ação e não obstante o próprio indivíduo “de carne e osso”.

Um dos traços mais marcantes da *Fenomenologia do Espírito* é a estratégia argumentativa adotada pelo seu autor, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), a qual consiste em articular o próprio discurso através uma narrativa histórica dos discursos anteriores ao seu. Através dessa estratégia Hegel toma os problemas que ocuparam os filósofos que lhe antecederam resignificando-os e olhando-os como momentos de outras questões muito mais centrais que não tinham sido percebidas, nem poderiam ser, por estes pensadores. Tal procedimento encontra-se vinculado no discurso hegeliano a uma posição historicista¹. Tal posição é que permite a compreensão do percurso histórico como um processo dialético cujo desdobramento se manifesta também nas contradições entre os diversos sistemas filosóficos anteriores àquele da *Fenomenologia*. Situado em uma posição privilegiada do ponto de vista histórico o sistema hegeliano poderia, como nenhum outro antes dele, abarcar com um olhar todos os passados movimentos da filosofia e da história humana. Dessa forma ele encontraria nesses mesmos movimentos a sua verdadeira relação com a realização do *Espírito Absoluto*, da verdade. É por isso que no texto *Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã* Friedrich Engels (1820-1895) localiza duas tendências imanentes ao sistema hegeliano. Uma tendência revolucionária, caracterizada pela ênfase no método dialético e na consciência histórica para a qual “nada é definitivo, absoluto, sagrado” (ENGELS, 1975) e uma tendência conservadora. O conservadorismo de Hegel se caracterizaria pela afirmação de que a história chega ao seu final, ao seu

ápice, com a consciência histórica proporcionada pela própria filosofia hegeliana. Tal consciência expressaria, dentre outras coisas, a compreensão de que o desenvolvimento dialético do *Espírito* (razão na história) implica o ajustamento da idéia (ex: direito) ao seu conceito (ex: liberdade) sendo o *Estado*, a manifestação desse “coroamento da idéia”, o próprio *Espírito Objetivo*. Partindo desse ponto, poderíamos ver o debate jovem hegeliano desenvolvendo-se no interior da tensão entre a narrativa do processo desenvolvimento dos homens por um lado, e a tentativa de determinar a direção deste mesmo processo, seu *Telos*. Uma tentativa que procurava esquivar-se ao que, em Max Stirner, se expressa como sendo a canonização de um pensamento, uma ameaça às pretensões de auto afirmação da razão enquanto faculdade de oposição e superação dos entraves oferecidos pelo mundo.

Partindo de uma posição filiada àquela de Bruno Bauer (1809-1882), o filósofo da autoconsciência, os primeiros trabalhos de Max Stirner não escapam a esta mesma tensão imanente ao jovem hegelianismo. Tal tensão, todavia, se traduz nos *Kleinere Schripton* (*Escritos Menores*) publicados de 1841 a 1844 em termos que cuja utilização tem por função promover a desvalorização dos aspectos “universais” e “necessários” da reivindicação de um determinado *Telos* para a cultura e para a sociedade. Uma tarefa que realiza-se apontando para as particularidades dos membros dessa sociedade, os indivíduos concretos, em sua constante oposição ao mundo circundante. A descrição do processo

de desenvolvimento dos indivíduos como um movimento de superação das restrições apresentadas pelo mundo visando a *Fruição* (*Genuss*) é uma das marcas distintivas da obra de Stirner. Em contrapartida, tal superação encontra na cristalização dos produtos de determinadas relações uma ameaça, pois nesse caso o indivíduo seria submetido a algo cuja gênese estaria diretamente associada apenas a esse mesmo indivíduo. Predicados, ou pensamentos, como “humanidade”, “verdade”, “bem”, “amor” e etc. uma vez colocados como metas para a ação se emancipam da sua dependência a quem os pensa e tornam-se seres, *Espectros* (*Spuk*) que pretendem determinar os seus criadores. A crítica de tal cristalização, ou reificação, é assumida com o propósito de desacreditar os aspectos da modernidade, e do hegelianismo, que apresentam ameaças para o processo dialético de auto realização frutiva do indivíduo. Optando por uma descrição da auto-realização como um processo permanente e espontâneo e não como um dever colocado por alguma hipotética “essência humana” Stirner pretende ter encontrado no “corpo” a solução para o dilema jovem hegeliano. Vejamos mais de perto de que forma é apresentada e o que implica essa solução.

A narrativa hegeliana do movimento da razão na história, como observa Herbert Marcuse no livro *Razão e Revolução*, caracteriza esse mesmo movimento como um processo de superação das oposições apresentadas pelo mundo circundante. A revolução francesa seria o símbolo, segundo Marcuse, adotado por Hegel para mostrar o papel do pensamento na

submissão da realidade a si, o processo de racionalização do mundo. Os escritos menores de Max Stirner apontam uma relação de afinidade com essa noção de razão. Todavia, seguindo os passos de Bruno Bauer, Stirner descreve tal submissão como um processo de dissolvimento do mundo enquanto objeto pelas potências críticas da razão. É assim que no texto de 1842 *Arte e Religião* Stirner afirma que a razão “estende sua mão destruidora tanto contra a constituição de objetos como contra a própria objetividade. A razão, espírito da filosofia, ocupa-se somente de si e não se preocupa com nenhum objeto.” (STIRNER, 1979). A razão busca a razão do objeto reduzindo-o então a si mesma. Temos aqui a sinalização explícita de que é a auto-afirmação da razão que está em jogo durante o processo de dissolvimento do objeto, pois como já dito “a razão não faz mais do que buscar-se a si própria, só se preocupa consigo mesma.” (Idem). Todavia, a utilização do termo razão para referir-se ao processo de auto-afirmação humana diante do mundo impõe limites advindos das exigências de universalidade e necessidade dessa mesma expressão. Poderíamos inclusive, tomando como base os argumentos apresentados pelo próprio Stirner em *O Único e sua Propriedade*, publicado em 1844, afirmar que esses limites são ainda mais opressores que aqueles apresentados pelo mundo, pois pretenderiam constituir a própria “essência humana”. A nossa auto-afirmação ficaria aí limitada por uma série de predicados intimamente associados a própria idéia de razão, predicados que imporiam deveres, missões e ideais que decretariam por sua vez a escravidão

do indivíduo ao seu pensamento, nesse caso tomado como algo *Sagrado (Heilig)*. No escrito menor subsequente ao *Arte e Religião* intitulado o *Estado Fundado sobre o Amor* o indivíduo racional é descrito como aquele que “escuta-se a si próprio e encontra nessa escuta o impulso para se determinar” (STIRNER, 1979) um impulso radicado tão somente no próprio indivíduo em seu propósito de ter apenas a “si mesmo em vista” (Idem). Percebe-se que embora ainda empregue o termo razão, aqui tal noção já se encontra privada de qualquer referência a lógica e a universalidade encontradas no sistema hegeliano ou na obra de Bruno Bauer. A auto referencialidade da ação individual substitui a pretensão de advogar legitimidade dessa mesma ação em relação ao mundo recorrendo a uma terceira potência mediadora entre os dois. Contudo, a própria noção de razão parece trazer como que “enxertada” em si tal pretensão e por isso no *Único e sua Propriedade* a expressão *Ser Próprio* irá tomar o seu lugar representando aí o papel de “motor” do movimento dialético de auto-realização do indivíduo.

O único e Sua propriedade, obra que representa para muitos críticos o pensamento maduro de Stirner, traz na abertura do Livro I duas citações; uma de Feuerbach e outra de Bruno Bauer, respectivamente. Ambas apresentam aspectos da visão desses dois autores acerca do alvo principal dos ataques de Stirner em *O Único*. A primeira citação, de Feuerbach, refere-se à noção de *Homem (Mensch)* como “o ser Supremo para o Homem” enquanto a segunda indica

essa mesma noção como sendo “a mais recente descoberta”. É comentando ambas que Stirner diz de modo jocoso: “então vamos ver de perto o que são esse ser supremo e essa mais nova descoberta” (STIRNER, 2004). O debate jovem hegeliano articula-se em torno da tentativa de postular metas para o desenvolvimento humano ou político que transcendessem a situação vigente, em oposição ao sistema hegeliano que “colocava sua ênfase no já consumado” (CRISÓSTOMO, 1991). A noção de *Homem* se torna então central, pois assume aí o papel de uma essência, uma potência intrínseca aos indivíduos concretos que todavia ainda estaria por realizar através do uso da razão; um ideal sem o qual as pretensões éticas universalistas assumidas por Bauer, Feuerbach e o jovem Karl Marx estariam, provavelmente, condenadas. A *Consciência de Si* como *Homem* enquanto ser genérico seria o definitivo desaguadouro dos processos históricos e do desenvolvimento dos indivíduos. Contudo, a posição de Stirner em *O Único* é de que assumir esse ideal ou qualquer outro implicaria tomar um produto de nosso pensamento como algo independente e maior que nós mesmos. Ficaríamos assim reduzidos a escravos de nossos pensamentos. No sentido de tornar razoável a alegação de prejuízo diante dessa demanda por uma “essência humana” Stirner articula uma arguta narrativa histórica de caráter “psicológico-dialético” (CRISÓSTOMO, 1991) que descreve tal demanda como uma *Obsessão (Sparren)*. Essa narrativa, além de descrever as relações entre os homens e o mundo como relações de oposição e auto-afirmação, também caracteriza

as tendências essencialistas do jovem hegelianismo, e de toda a modernidade, como um desdobramento patológico e contingente desse mesmo processo. A pretensão de estabelecer um ponto para o fechamento do círculo dialético de auto desenvolvimento humano marca, para Stirner, o início de uma era de fantasmas e alucinações. O mundo converte-se em algo fantasmagórico e os indivíduos em *Possessos* dominados por esses fantasmas. Vejamos como se articula a crítica de Stirner a tal desdobramento e a relação desta mesma crítica com a defesa de uma concepção não essencialista do desenvolvimento individual. A noção de *Ser-Próprio* cumpre na narrativa stirneriana o papel meta principal desse desenvolvimento; todavia, uma meta que já está presente no mesmo processo pois identifica-se com o próprio agente que busca se auto-afirmar.

Adotando um tom retórico Stirner elabora uma narrativa histórica na qual a antiguidade é identificada pela “convicção de que o mundo e as relações mundanas (por exemplo, os laços de sangue naturais) eram o verdadeiro, ante o qual o eu impotente teria que se vergar” (STIRNER, 2004). Uma sujeição que os homens antigos teriam superado através da progressiva afirmação do “sentimento de si”, a qual resulta na liberação das peias mundanas através da criação de um mundo de “essências” por detrás aparências, um mundo “espiritual”. Com a criação de tal mundo “o ser humano passa a tomar consciência de si como ser sem ligações e sem mundo, como espírito” (Idem). Sócrates seria a figura responsável pelo fim da antiguidade, pela “espiritualização”

das relações naturais e pela consumação da indiferença em relação ao mundo, uma atitude coroada pela modernidade iluminista e “teórica”. É René Descartes que, segundo Stirner, teria pronunciado a sentença distintiva da modernidade com a famosa proposição “penso, logo existo”; para Stirner o que aí se diz é que “meu pensamento é meu ser ou minha vida, só vivo quando vivo espiritualmente, só sou real como espírito”. (Idem, Ibidem) Momento crucial da narrativa de Stirner, o surgimento do espírito na trajetória humana implicará um ganho do ponto de vista da auto-afirmação em relação às coisas e, por outro, a condenação do próprio processo de auto-realização responsável por esse ganho. De certa maneira o fenômeno do surgimento do espírito denota, entre outras coisas, a instauração de certa “atmosfera cultural”, uma tendência caracterizada pela valorização de tudo que tem a pretensão de universalidade, impessoalidade e verdade².

Com tal narrativa Stirner substitui a compreensão partilhada pela maioria dos filósofos modernos de que as relações entre os indivíduos e o mundo são, sobretudo, relações de representação pela sugestão anti representacionista e proto-pragmática³ de que nossas relações com o mundo são caracterizadas pela resistência e oposição.

“Vencer ou sucumbir - entre essas duas possibilidades oscila o desfecho da luta. O vencedor Será senhor, o vencido súdito; aquele exerce a soberania e os “direitos

de soberania”, este cumpre, com respeito e reverência, “seus deveres de súdito”
Mas os dois são inimigos e estão sempre alerta; atentos as fraquezas do outro(...)” (STIRNER, 2004)

Uma vez que “vencer” ou “sucumbir” são as únicas possibilidades em relação ao mundo só resta reconhecer o caráter patológico da inclinação que leva os indivíduos a lidar com seus pensamentos como se fossem “essências”. Ao lidar com os pensamentos e palavras, elaborados para impor-se ao mundo, como entidades superiores ou como algo *Sagrado (Heilig)*, o indivíduo subjugava-se a uma idéia deixando que ela se torne uma *Idéia Fixa (Fixe Idee)*, uma *Obsessão*. A contrapartida desse momento histórico no desenvolvimento individual será a “juventude”, caracterizada como o momento em que se procura “trazer a luz o pensamento puro, ou tornar-se dependente dele.” (STIRNER, 2004) É claro que a identificação entre os aspectos “religiosos” da modernidade e a inclinação idealista do jovem não é acidental. A tentativa jovem hegeliana de prover a narrativa histórica de um *Telos* ou de um dever-ser é o motivo principal da utilização do termo “jovem” como correspondente biográfico da modernidade. O jovem aqui é o próprio jovem hegeliano, e criticando seus ex-colegas do clube os livres⁴ Stirner pretende tê-los deixado para trás, pois ele teria ao contrário destes alcançado a definitiva conciliação consigo e com o mundo através da corporeidade.

O que distingue o homem adulto do jovem é o fato de ele tomar o mundo tal como é, em vez de imaginá-lo sempre com as piores cores e querer melhorá-lo, isto é, moldá-lo a luz de seus ideais. (...)

Só quando nos amarmos em corpo e tivermos prazer em nós próprios, em nosso corpo e nossa vida – mas isso só pode acontecer ao homem adulto- só então teremos um interesse pessoal ou egoísta, ou seja, um interesse não apenas, digamos, de nosso espírito, mais uma satisfação total, de todo indivíduo (...) (STIRNER, 2004)

Visando promover uma mudança de percepção em relação à dedicação aos pensamentos como fins em si mesmos, Stirner substitui a noção de razão pela de *Ser-Próprio* como motor e finalidade do processo de superação dos entraves. Com essa noção Stirner indica, por um lado, a radical auto referência inerente a toda produção e ação humana, e por outro lado, as características apetitivas e singulares dessas mesmas ações. Não é a realização da razão (aqui considerada apenas mais um pensamento) que o indivíduo procura ao superar os limites que a vida coloca, é a realização de si como ser singular, como *Único* (*Einzig*). Tampouco a concepção de liberdade como aspecto constitutivo e meta final da razão expressa essa auto-realização. “Deixais de bom grado ir embora a liberdade quando vos agrada não ser livres”. (STIRNER, 2004) Nos entregamos com satisfação, por exemplo, a “escravidão” nos deleites do amor. Isso indica que por detrás da palavra liberdade esconde-se outra

coisa, nossa *Fruição*. A noção de liberdade, portanto, embora indique o momento negativo dessa mesma fruição não representa de forma adequada o nosso processo de auto realização.

Quem deve então ser libertado? Tu, eu, nós. E libertado de quê? De tudo aquilo que não seja tu, eu nós. Eu sou o caroço que deve ser libertado de todos os invólucros, de todas as cascas que o limitam. E o que resta se eu for libertado de tudo aquilo que eu não sou? Apenas eu e nada mais que eu. Mas a este eu a liberdade nada tem a oferecer. A liberdade não diz nada sobre o que acontecerá depois de eu ser libertado, do mesmo modo que os governos se limitam a libertar os presos depois de cumprida a pena, lançando-os no total abandono. (...) A liberdade é e sempre será uma nostalgia, um lamento romântico, uma esperança cristã no além e no futuro, o Ser-Próprio é uma realidade, que só por si, elimina tanta escravidão que atravanca vosso próprio caminho. (STIRNER, 1979)

Liberdade como um conceito não diz nada sobre o que fazer depois de sua aquisição e projeta-se no futuro como um ideal, uma meta utópica, que impõe a negação de toda particularidade “arbitrária” e “egoísta”. A noção de *Ser-próprio*, em contrapartida, indica tanto o movimento de negação, ou auto libertação, em relação aos obstáculos, quanto a meta posterior a essa liberação. Ao contrário da noção de razão ou liberdade o *Ser-Próprio* não expressa

uma essência ou um dever, que os indivíduos poderiam ou não realizar. “*Ser próprio* é toda minha existência, toda minha essência, sou eu mesmo” (STIRNER, 2004) O *Ser Próprio* indica o reconhecimento do *Egoísmo* voltado para *Fruição* como princípio e fim de toda ação, mesmo daquela ação que se considera desinteressada ou impessoal. O altruísta representaria nesse caso apenas a estratégia patológica em que o indivíduo “se coloca sempre em primeiro lugar sem, no entanto, se considerar o ser supremo, que só serve a si próprio e ao mesmo tempo pensa servir a um ser superior”. (Idem) Um indivíduo que agindo assim torna-se o que Stirner denomina de *Egoísta involuntário*; alguém que persegue seu *Ser Próprio* tortuosamente através da veneração ao *Sagrado*.

Enquanto a valorização das palavras e pensamentos como dotados de um sentido e finalidade neles mesmos aponta para negação das pulsões, a noção de *Ser-Próprio* indica o caminho contrário: as pulsões do indivíduo corpóreo são as fontes esquecidas e o sentido dos pensamentos. Stirner radicaliza o movimento de valorização da individualidade iniciado com o iluminismo e sugere que a tornemos “o meio e a essência da questão” no momento de deliberarmos sobre nossa ação. Isso implicaria, ao invés de colocarmo-nos a escutar a Deus, a consciência moral e a verdade, “voltar-nos a nós próprios”, ouvir a nós próprios, para dessa “escuta” extrair o reconhecimento dos obstáculos para nossa auto-realização. Somente dessa forma poderiam os homens desembaraçar-se das peias do mundo concreto sem capitular sob o jugo do “espírito”, enquanto servidão

ou *Obsessão* abstrata. Uma vez que os obstáculos diferem de uma pessoa para outra, logo, a liberação constitui-se como um movimento radicalmente pessoal e singular, fundado na autoafirmação e no poder do *Único*. Uma dinâmica inexaurível e sem um desaguadouro final, pois cada nova liberdade conquistada traz consigo a possibilidade de uma nova dominação.

Contudo, a estratégia stirneriana de substituir a noção de razão pela de *Ser-Próprio* traz um problema consigo: o problema da possível não convergência dos diversos propósitos humanos. Devido ao limitado espaço desse artigo não me deterei nesse ponto. Contudo, creio que vale sinalizar que para Stirner não é a existência de divergências com relação a fins o principal problema nos conflitos. Para o filósofo é o fato da oposição não ter se tornado plena o único problema nestas divergências “A nossa fraqueza não consiste em estarmos em oposição a outros, mas em não o estarmos de forma plena, isto é, em não estarmos totalmente *separados deles*” (STIRNER, 1979). Uma vez que nos tenhamos reconhecido uns aos outros como *Únicos* trataríamos de perseguir os nossos propósitos, sem reivindicar sua sacralidade ou a adesão incondicional de outra pessoa. A cada um caberia o que os seus poderes lhe permitissem alcançar e manter. Sem um ser *Sagrado* ao qual recorrer para legitimar as próprias metas os indivíduos teriam que arranjar-se uns com os outros, através dos próprios recursos. Vínculos, acordos, cartéis não estariam descartados para favorecer os interesses recíprocos, mas se dariam de forma absolutamente personalística e contingente. Como se pode deduzir o resultado dessa sociedade ou *Associação (Verein)* quase hobesiana é imprevisível. Assim como a vida do indivíduo é um

processo de auto-realização frutiva, sempre em aberto, também a noção de *Associação* como substituto das concepções essencialistas de sociedade não se submete as exigências de um conceito. Essa noção cujo modelo encontra-se nas micro relações dos círculos de amigos e familiares pressupõe a solubilidade dos laços que a constituem e a reciprocidade de todos os seus membros. Stirner não oferece a noção de *Associação* como um modelo ou ideal para o futuro, mas antes como uma descrição do tipo de vínculo produzido pelo *Ser-Próprio* no presente. Um maior aprofundamento da noção de *Associação* decorrente da noção stirneriana de *Ser-Próprio* terá que esperar um outro momento.

A transição da noção de Razão para a de *Ser-Próprio* em Stirner comporta ainda outro propósito, além do já citado estabelecimento da uma maior congruência com os propósitos expressos desde os *Kleinere Schriften*. Penso que com utilização dessa noção Stirner pretende deflacionar algumas pretensões do racionalismo iluminista sem deixar de oferecer uma forma de ponderar acerca do valor de certas instituições, palavras e outras elaborações humanas. Indicando a íntima relação entre os produtos da interação humana com o mundo circundante e a fruição individual, a noção de *Ser-Próprio* representa o sentido da existência desses mesmos produtos. Apenas a referência ao *Ser-Próprio* permitiria justificar, se disso se trata, qualquer instituição, palavra ou meta humana. Não havendo essa referência, o que apenas os próprios indivíduos poderiam constatar, estaríamos sob o domínio do *Sagrado*, das suas *Obsessões* e dos seus *Espectros*. Se essa abordagem estiver correta Stirner poderia ser lido como um filósofo que enxergou na valorização iluminista da individualidade

o ponto incontornável da contemporaneidade. Para Stirner nossas instituições, valores e filosofias têm no indivíduo “corpóreo” o seu sentido velado, não dito, devido ao perigo que este representa para os resquícios da tradição que por tanto tempo constituiu a auto afirmação dos nossos avós. Com um impulso otimista, ou cruel, Stirner propõe que apenas com um corte radical poderíamos encontrar a plena congruência entre a valorização da individualidade e os produtos engendrados visando sua realização. Em detrimento do impulso cristão pelo estabelecimento de um reino de “justiça” e “igualdade” Stirner aposta no impulso romântico-poético que tem na “criação” e no inacabamento o sentido de sua fruição.

NOTAS

¹ Adotamos para a palavra historicismo o mesmo sentido atribuído a ela pelo filósofo alemão Jürgen Habermas. Para Habermas a palavra historicismo comporta dois sentidos, o primeiro denotaria uma filosofia que supõe uma “lei” e uma “lógica” imanente aos processos históricos. O segundo sentido, chamado também de neo-historicismo, indicaria uma posição “relativista” para a qual os diferentes momentos históricos determinam diferentes formas de atribuir sentido ou verdade; uma filosofia contextualista, portanto. Com relação a Hegel aplico o primeiro sentido da palavra. (HABERMAS, 2005)

² É por isso que ao tratar a narrativa histórica stirneriana como um relato equivocado de “fatos” e a sua dialética como “escamoteação” Karl Marx, conforme nos mostra a *Ideologia Alemã*, apenas reproduz o vício denunciado por Stirner nessa mesma narrativa: o de

venerar algo maior e mais sublime...a verdade.

³ É do filósofo pragmatista norte americano Richard Rorty a afirmação de que a vitória final da ênfase na auto criação ao invés da valorização do ideal de “busca pela verdade” dependeria da “reconciliação” com a idéia de que poder ou dor (oposição bem ou mal sucedida) são as únicas coisas que podemos obter em relação ao mundo. (RORTY, 2007)

⁴ O Núcleo mais radical da esquerda hegeliana, antes chamado de Clube dos Doutores, que reunia-se em Berlim, em uma taverna chamada Hoppel. Reuniram-se entre 1841 e 1847. Fizeram parte do grupo além de Stirner: Bruno Bauer, Engels, Marx entre outros. A sugestão dessa relação entre o jovem hegelianismo e o jovem da narrativa stirneriana é do prof. José Crisóstomo.

REFERÊNCIAS

STIRNER, Max. **O único e sua Propriedade**, Tradução João Barrento, Lisboa, Antígona, 2004.

STIRNER, Max. **Textos Dispersos** (*Kleinere Schriipten*,) Tradução Bragança de Miranda, José. Lisboa. Via Editora, 1979.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã e outros textos filosóficos: antologia**, Ed. Estampa, 1975.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**, Tradução Bruni, J. C, Nogueira, M.A, . São Paulo, Editorial Grijalbo, 1977.

KÉRVEGAN, Jean-François. **Hegle o Hegelianismo**, Tradução Mariana Paolozzi, Ed Loyola, São Paulo, 2008.

MARCUSE,H. **Razão e Revolução**. Caracas, Instituto de Estudos Políticos, Universidade Central da Venezuela, 1967.